

A BATALHA

O CASO ANGOLA E METROPOLE—BANCO DE PORTUGAL

“A BATALHA” FOI PROCESSADA ONZE VEZES!

Os burlões e falsários querem levar-nos aos tribunais? Iremos! Sim, iremos não para nos defendermos, porque não concedemos à Justiça burguesa o direito de nos julgar, mas para mais uma vez e em público acusarmos todos os ladrões, revelarmos todos os crimes cujas desastrosas consequências o povo vem sofrendo. O único tribunal que nos pode julgar—o da opinião pública—perante o qual comparecemos afoitamente todos os dias, já reconheceu há muito a nossa isenção e já condenou, sem apêlo, nem agravo, os maiores da burla escandalosa!

Em Portugal está tudo do avesso. Parece que os carros andam à frente dos bois. Empenham-se cada um em seguir o caminho oposto ao que lhe está naturalmente indicado. São os ladrões que processam os roubados; são os falsários que se insurgem contra a mais do que lógica indignação dos burlados.

A Batalha representa na imprensa portuguesa os roubados, as vítimas, os sacrificados, o povo humilde que tudo paga e suporta sobre os seus ombros derreados. Pois bem: A Batalha vem acusando há perto de três meses os maiores burlões que o país atura, os maiores falsários, os maiores da política e da finança que vêm corrompendo, arruinando, devastando uma nação que, pelas suas riquezas naturais, melhores recursos de vida e de progresso poderia ter.

E sabem os leitores o que aconteceu? Os ladrões processaram os roubados. Sim, os roubados, porque A Batalha é o porta-voz dos roubados.

Podem todas as criaturas honestas deste país, que vêm acompanhando-nos desde a primeira hora neste combate sem tréguas à finança, à pelintra finança que, embora não tenha um centavo para empregar numa obra útil, encontra sempre meio de engordar os chefes, podem todas as pessoas honestas deste país, que são muitas, que são todas as que trabalham ingloriamente, sob o jugo do capitalismo, para grangerar uma magra cédula insuficiente, considerar-se perseguidas pelos falsários da finança e da política!

A Verdade chamada aos tribunais?

Correm neste momento na Boa Hora onze processos contra A Batalha. Onze dos muitos artigos que temos escrito de rude ataque ao crime e à burla foram querelados. O crime indignado contra a voz rebelde da honestidade, que não se vende, que não abdica, que não transige, que não se acanilha, pretende metê-la na cadeia!

Mas a voz da Verdade não se pode enclausurar. O Roubo, não podendo suportar a honestidade que o acusa, quer castigá-la, levando-a aos tribunais!

Mas a honestidade que não se corrompe erguida ao alto desta tribuna, não teme tampouco a má catadura dos juizes.

Ela saberá provar que tem razão. Ela tem ao seu lado a apoiá-la um povo inteiro,

faminto, despresado, que vem assistindo revoltado à desenfreada bacanal dos chacais que disputam entre si, numa embriaguez delirante, os últimos despojos.

Não tememos as querelas. Não recuamos os processos. Se fomos parar à cadeia, iremos tranquilos, cónscios do dever cumprido. Teremos então a certeza absoluta de que, numa sociedade governada por ladrões, a cadeia é o único local decente, digno, onde os homens honrados podem viver.

Porque nos processam?

Porque nos processam? Porque desejam levar-nos aos tribunais? Porque pretendem ver-nos manietados no fundo lóbrego de uma enxovia?

Será porque reduzimos a pó a trama hedionda do cambão político-financeiro?

Será porque nunca acreditámos na tão apregoada honestidade do Banco de Portugal, cujos dirigentes acusamos afoitamente de suspeitos, de implicados na grande burla das notas de quinhentos escudos ou porque denunciámos que Rego Chaves é um ladrão? Será porque não ocultámos as irregularidades encontradas nas contas do Banco de Portugal ou porque revelámos a existência de dois vales ao Angola e Metrópole, na importância de 104 contos, redigidos e assinados pelo sr. Mota Gomes?

Não compreendemos porque razão houve, nesta campanha formidável contra a corrupção e o crime, onze motivos para nos quererem levar à cadeia. Não compreendemos.

Se os juizes que nos julgarem forem doces e maleáveis aos interesses dos salafrios da política e da finança como o tem sido Alves Ferreira — que tanto simpatiza connosco... — teremos de arranjar onze corpos para expiar na cadeia a grande culpa da nossa isenção!

Os ladrões contra os roubados

Porque nos processam afinal? Porquê tanta indignação dos ladrões contra esta pobre folha a que eles fingem não ligar importância?

Será porque puzemos a descoberto as ligações de patriotas portugueses com capitalistas italianos que querem absorver Angola ou porque dissemos das manobras do Alfredo da Silva em torno das docas e oficinas da Exploração do Porto de Lisboa?

Porque desejam condenar-nos onze vezes?

Será porque afirmámos que o Banco Ultramarino se encontra há muitos anos em falência criminosamente tolerada pelo Estado, ou porque a casa José Augusto Dias & Filhos roubou, servindo-se da cumplicidade do tesoureiro Lupi, 19.000 contos do Banco Portugal?

Será porque revelámos que a casa Piano, em estado periclitante, também não pode pagar os 6.000 contos que lá tem do Banco de Portugal ou porque puzemos em pratos limpos as rivalidades existentes entre o Alfredo da Silva e a Companhia do Amboim? Porque será?

Estamos firmes no nosso posto

Arranjem os pretextos que quiserem, nós não arredamos pé do terreno que pisamos—que é o terreno da Verdade. Temos—podemos afirmá-lo orgulhosamente—toda a parte sã e honesta do país a nosso lado. Ela não nos livrará da cadeia, mas premiar-nos-há com o seu apoio moral, muito mais valioso, muito mais agradável, para quem possui uma alma aberta às altas concepções de beleza e de perfeição social, do que o dinheiro, o mísero dinheiro que os jornais adversos e venais ambicionam e procuram.

Querem processar-nos? Está bem! Mas terão que ouvir cada vez mais violentas e cruéis as verdades que esmagam, as verdades que queimam, as verdades que purificam e redimem!

Querem meter-nos na prisão? Está bem! O Crime tem a justiça burguesa a seu lado e joga-a contra os que se rebelam e desejam o triunfo da Verdade. Mas essa justiça injusta, instrumento de vingança nas mãos dos ladrões e dos falsários que tomaram conta do país, não serve para julgar consciências como as nossas que estão fora e acima das leis que protegem os ladrões contra os roubados, os burlões contra os burlados, os criminosos contra os inocentes.

Há apenas um tribunal que nos julga: o da opinião pública. E perante esse aparecemos, dia a dia, de cabeça erguida e franco olhar, sem receio da sua condenação.

Os maiores burlões, os nossos inimigos, os que nos querelaram, esses, julgados pelo tribunal da opinião popular, há muito que foram condenados, sem apêlo, nem agravo.

OS DOIS PROBLEMAS DE MOMENTO

O PÃO

Os dois problemas que na presente emergência mais pesam na economia do operariado são incontestavelmente o do pão e o das carnes. Absolutamente insolúveis dentro de qualquer dos regimes a que têm estado sujeitos, estes dois problemas concitaram as atenções do proletariado desde os primórdios da sua organização de classe.

Especialmente sobre o primeiro desses problemas, corre impresso um notável documento em que o operariado advoga o regime de tipo único, documento que mereceu um unânime aplauso.

Todavia, a vontade do operariado nunca foi atendida e nós hoje vivemos uma situação que só aproveita à Companhia Nacional de Alimentação.

O regime actual do pão, parecendo que veio beneficiar o público, não passa de uma grosseira mistificação se o compararmos ao regime que o antecedeu. Por este existiam três tipos de pão: terceira, segunda e primeira ao preço, respectivamente, de 1\$80, 2\$20 e 2\$60 o quilo. Para que os dois primeiros tipos fivessem a venda que convinha aos industriais o pão de terceira ou piorava de qualidade ou faltava no mercado. Desta criminosa atitude resultava a procura do pão de segunda e de primeira o qual se vendia a bom vender.

Com o regime actualmente em vigor o caso muda bastante de figura, o caso chega até a atingir o inverosímil. Há apenas dois tipos: super-fino e de primeira qualidade, ao preço em quilo de 2\$60 e 2\$00, respectivamente.

Quem superficialmente examinar o problema encontra uma vantagem para o público de \$20 em quilo. Tal, porém, não sucede com este regime-burla. O público foi prejudicado em \$40 em quilo; o público foi ainda preterido na qualidade.

Dos dois tipos existentes o público terá que preferir o mais caro para não morrer envenenado; o público terá que recorrer ao pão super-fino porque não terá outro à venda, porque não encontrará outra maneira de se abastecer do indispensável alimento. Isto é claro não falando no descarado roubo no peso do pão.

E enquanto isto se passa, enquanto esta vergonhosa situação se mantém os membros do governo vão dizendo em notas oficiais publicadas nos jornais que os industriais de padaria terão que vender pelo preço mais baixo o pão super-fino quando não tenham à venda o pão de primeira que o público procure. Tudo fictício, tudo mentira.

AS CARNES

Não menos importante e não menos intrincado é o problema das carnes. Sobre ele já dissemos a última palavra. Provámos com copiosa argumentação que o único culpado da carência de carnes foi o governo do sr. Domingos Pereira com a sua estúpida determinação de não poder entrar em Portugal gado estrangeiro. Provámos ainda que enquanto persistir a absurda medida de permitir-se a exportação de gado nacional que faz falta ao consumo, o problema não encontrará a solução conveniente, aquela solução que se harmoniza com as necessidades do público.

Todavia não fomos ouvidos, todavia os nossos ataques perderam-se no vácuo como se se tratasse de coisas frívolas com as quais o público nada interessasse. E porque não fomos ouvidos, as carnes rareiam no mercado e aquelas que aparecem são por um preço superior ao que existia.

Nos últimos dias para se adquirir uma pequena fracção de carne de vaca é mister percorrer-se quase toda a cidade. Alguma que aparece custa mais um escudo, custa mais dois escudos; custa mais tantos escudos quantos dá a real gana dos senhores lavradores e marchantes.

Como falta a carne de vaca, os marchantes para abastecerem o mercado vendem milhares e milhares de cabeças de gado lanigero, o qual por sua vez também ascendeu de preço. Um quilo de carne de carneiro custa hoje mais um escudo do que custava antes deste regime de livre exportação de gado nacional e de rigorosa proibição da entrada de gado argentino.

A aumentar o escândalo das carnes temos agora o conflito entre a Comissão de Abastecimentos de Carnes e a Federação dos Sindicatos Agrícolas do Centro de Portugal em virtude de esta última entidade, que recebia a choruda percentagem de mais quatro por cento do que qualquer outro negociante no fornecimento de gado, não respeitar o contrato que a obrigava a fornecer mensalmente 800 cabeças de gado.

Ora se tivermos em atenção que o consumo mensal é de 2400 cabeças e que a Federação Agrícola apenas fornecia desde Setembro a média de 400 cabeças por mês, temos de convir que este regime de fome só tem o condão de enriquecer os lavradores e marchantes enquanto o público morre de fome.

E' esta a dolorosa síntese deste problema do pão e das carnes, que oxalá não constitua uma indigesta «sandwich» para os seus causadores.

Só as ideias libertárias nos conduzirão à extirpação dos últimos resíduos do sistema feudal

Afirmou-se, com todo o lirismo das mais distintas penas democráticas, que se deve à inspiração romântica as mais belas conquistas da época contemporânea—tais como a escravatura e a abolição da pena de morte em alguns países.

E' fora de dúvida que o romantismo idealístico orientou o cérebro dum pleiade de combatentes ilustres, para o assalto às velhas fórmulas do passado e em entusiástica demanda por novos sistemas de liberdade.

Fora de dúvida é também que para se opor um travão à marcha reaccionária que em quasi todos os países da Europa se vem desenvolvendo, se torna indispensável que os reflexos românticos das mais cristalinas idealizações deslumbram as consciências entorpecidas e aqueçam os corações adormecidos no mais letárgico dos indiferentismos. Sem um romanticismo ideal a partir-nos o aniquilamento moribundo da sensibilidade e a reanimar-nos na férrea vontade de proseguirmos na árdua tarefa dos transformismos sociais, certamente que nada de seguro e de proveitoso se poderá realizar.

Mas daí a dizer-se que o romantismo democrático conseguiu, definitivamente, abolir a escravatura, a pena de morte, «os últimos resíduos do sistema feudal»—isso é que é avançar de mais.

Os factos demonstram-nos que algo alcançámos. Mas os factos também se encarecem muito palpavelmente de que atingimos aquela altura democrática que sonhámos usufruir.

A pena de morte não desapareceu—modificou-se. E uma modificação não é, incontestavelmente, uma abolição.

E' rigorosamente certo que já—por enquanto—não assistimos ao hediondo espectáculo da fúria das forças, erectas sistematicamente no campo de Sant'Ana ou na explanada da torre de São Julião da Barra a «patibularem» os António Cabrais Calheiros Furtados de Lemos ou os Gomes Freires de Andrade—ou levantadas na Praça Nova e Cordoaria, a estrangularem, entre os vivos à Santa Religião e os De profundis clamavi ad te Domine, os dez mártires da Liberdade...

Mas se é exactamente certo que já não presenciámos a horrenda scena das cabeças dos enforcados estarem espetadas na Praça Nova e Cordoaria, e desde a Foz até Leça—voltadas para o mar—para inquisitorial exemplo dos que sentissem ansias de se revoltar contra o terror miguelista—nem vemos os cadáveres dos conspiradores de Santana serem queimados e lançados as suas cinzas ao vento—não é menos positivamente verdade que hoje, em plena democracia republicana portuguesa, se assiste a actos canibalescos como os de Olivais, do Alentejo, Vila Nova de Gaia, etc., que são cúmplices fideis dos selváticos trucidentismos, em Vila Vicosa, das levas de presos pelos padres e frades coadjuvados pela plebe fanática... de outros tempos...

Quando não há o fuzilamento sumário da polícia ou da guarda republicana em plena epilepsia furiosa e perigosa, temos as torturas, os maus tratos, os espancamentos sistematizados pelas autoridades republicanas nas enxovias das esquadras, da torre de São Julião da Barra, da Cadeia do Limoeiro ou Forte de Monsanto...

Porventura as letais doenças adquiridas naquelas prisões transformadas em jesuítas casas de tortura, de inquisição requintada, não serão condenações sumárias à pena de morte?

As deportações arbitrárias para as regiões inhóspitas das possessões portuguesas, onde os condenados, na sua maioria, são devorados pelas febres—não serão, porventura, penas de morte?

Evidentemente que sim: são penas de morte «modernas», avatares das penas de

morte «antigas»—tanto mais indignas, quanto mais sofisticada, covarde e hipocritamente aplicadas. E nestas disfarçadas penas capitais, tem, perecido um escol de militantes operários, pelo grandioso crime de, ferozmente pela sublime inspiração do Romantismo dum ideal libertário, se insurgirem contra «os últimos resíduos do sistema feudal», os quais, muito ao contrário do que se assevera nos altos pluvitivismos da democracia política, ainda não «se extirparam das sociedades»...

Assim como a pena de morte não se aboliu, mas se modificou em algumas nações da Europa—assim igualmente não foi suprimida a escravatura, mas alterada para novos sistemas.

Então, morrer-se de fome, porquê não há trabalho, ou se o há, porque se é vilmente explorado—enquanto uma farandula política-plutocrática folga, ri, tripudia em sádicos jogos e em repugnantes crimes de usura perversa, de latrocinio legalizado pela força da hodierna codificação elaborada pelos próprios capitalistas e usurpadores das riquezas sociais—isso não é escravidão?

E' uma indiscutível escravidão, resultante dos «últimos resíduos do sistema feudal» antiquado dos nobres, transformado no novo sistema feudal das oligarquias financeiras dos nossos inocentes... Esta «civilizada» feudalidade dos nossos Guises da burocracia-comercial falsificadora, acarreta-nos estes tristíssimos «resíduos»: uma pobre esmoleira, um proletariado em quasi permanente chômage, uma multidão de peitões e sem abrigo, um exército sempre crescente de prostitutas, um acréscimo aterrador da criminologia fomentada pelos exemplos do alto e pelas necessidades impostas pela mais terrível desigualdade económico-social—enquanto pelos nobres saíam dos palácios oficiais e particulares, ou pelos sumptuosos hotéis das principais cidades, se sapateia, lubrificamente, o jazz-band das fidalgas modernas quasi em camisa...

Ontem como hoje—com pequena diferença... E nem sequer, com aquela afoiteza que seria mister, se pode garantir que o espírito scintilante dos nossos génios poéticos, literários, historiadores, científicos, etc., está completamente independente da choldra corrente—porque esse espírito, na generalidade, está—malgré-nous—directa ou indirectamente enfeudado aos clans, aos consórcios, às sociedades anónimas, às empresas financeiro-comercial-industrialistas que traficam o património social da humanidade inteira...

Há, sim, casos esporádicos de homens de génio, de escritores, de filósofos, de sábios, que acompanham o pensamento humano da emancipação dos povos. E' com estes, aos quais, possivelmente, se juntarão outros valores desempoeirados completamente, que nós também seguiremos no Romantismo, o verdadeiro Romantismo, das ideias libertárias que nos conduzirão, finalmente, à definitiva extirpação dos «últimos resíduos do sistema feudal» com a abolição radicalista do Estado e do Capitalismo. Então, e só então, será um facto o banimento da escravatura e da pena última...

C. V. S.

A falta de espaço

A muita abundância de original força-nos a não publicarmos ainda hoje o nosso tão apreciado folhetim. Pelo mesmo motivo ficam retardados muitos originais, entre eles uma comunicação importante da Associação dos Vireiros da Marinha Grande. Esperamos que os nossos leitores e interessados se resignem ante as deficiências de que não somos culpados e confiem em que, sem preterimentos, a tudo daremos publicidade.

Confederação Geral do Trabalho

NOTA OFICIOSA

O Comité Confederal reuniu e entre vários assuntos relativos à vida Confederal apreciou a questão respeitante à anunciada conferência dos sindicatos não confederados.

O Comité tomou conhecimento da resolução duma assembleia geral do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha, segundo a qual aquele organismo regeitou a sua representação na citada conferência. Em face da mesma o Comité admitiu a possibilidade de os organismos nas condições daquele sindicato reingressarem na C. G. T.

Consultadas as resoluções do Congresso de Santarem o Comité verificou que pela nova redacção que o número XXI da Organização Social Sindicalista sofreu naquele Congresso, os sindicatos do pessoal de qualquer dos Arsenais poderão ingressar directamente na C. G. T., na qualidade de sindicatos regionais.

O Comité considera que esta interpretação, sujeita, por direito próprio, a ulterior discussão e sanção do Conselho Confederal, poderá contribuir para destruir a lenda adrede preparada de que foi a C. G. T. quem excluiu do seu seio aqueles organismos.

E porque este já mais foi o seu pensamento, e como por outro lado não foi aquele espírito que determinou a resolução do Congresso de Santarem quando se pronunciou sobre os sindicatos nacionais, o Comité Confederal, afirmando que uma questão de forma orgânica, sempre contingente, não colide de modo algum com a estrutura moral e ideológica da C. G. T., quer publicamente demonstrar, uma vez mais, que não tendo havido por parte deste organismo exclusões, também não pôe embargos a que esses organismos de novo se confederem nas condições já expressas.

Tendo sido consultado por um grupo de operários do Sindicato do Pessoal do Arsenal da Marinha sobre esta questão, o Comité teve a satisfação de o informar daquela atitude, que confirma com a presente «nota».

A Confederação Geral do Trabalho criou-se, manteve-se e manter-se há para dar corpo à acção da classe operária organizada na luta de classes contra todas as formas de exploração e opressão. O seu interesse é o interesse de todas as vítimas do Estado e do capitalismo.

Entre os trabalhadores, como escravos que são, só pode ver amigos vivendo unidos e em paz, na guerra contra os senhores.

Que de outra acção em contrário só os seus autores sejam responsáveis.

Lisboa, 1 de Março de 1926.

O Comité Confederal

Uma importante assembleia dos arsenalistas da marinha

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma importante assembleia geral no Sindicato dos Operários do Arsenal de Marinha e Cordoaria Nacional a fim de apreciar uma proposta de reatamento de relações com a Confederação Geral do Trabalho.

A propósito, um grupo de arsenalistas de marinha» fará distribuir hoje profusamente pela classe um bem redigido manifesto, do qual nos permitimos reproduzir os seguintes períodos:

Um conflito forte trava-se neste momento dentro do nosso Sindicato. A unidade até hoje existente entre a família arsenalista, unidade mantida através do seu elo sindical, ameaça romper-se, levando-nos a uma divisão em que qualquer das partes litigantes será infalivelmente vencida. A prosseguir esta luta estúpida, a que uma falange de arsenalistas nos conduziu, só advirá o triunfo para as forças exploradoras e oprimidas, constituídas e representadas pelo Capitalismo.

Com a C. G. T., estão todas as forças activas e revolucionárias do proletariado, estão os transportes representados pela Federação de Indústria de Transportes Marítimos e Fluviais de Portugal—novo organismo constituído pelos verdadeiros e

mais fortes sindicatos de trabalhadores do mar, num total de cerca de três dezenas de sindicatos—e pela Federação Ferroviária; está a Federação da Construção Civil, um dos mais fortes organismos de classe e onde se não deu a mínima dissidência; estão os metalúrgicos, os mobilários, as classes gráficas, os profissionais da indústria do calçado, couros e peles, os trabalhadores do campo, os textéis, os mineiros; estão todas as Câmaras Sindicais e Unões de Sindicatos do país, estão todo o proletariado organizado.

Quem está com eles, com os partidários do divisionismo? Meia dúzia de sindicatos marítimos(?) constituídos por descarregadores de mar e terra; e ainda na sua maioria, porque estão acorrentados à ameaça de boicote por parte dos fragateiros de Lisboa alguns caixeiros de Lisboa orientados por uma comissão de revolucionários (sic) que há tempos ofereceu um busto em homenagem ao seu patrão—o comerciante Granel, um dos maiores carrossos do caixeiro português; uns três sindicatos rurais, constituídos essencialmente por foreiros e não por verdadeiros trabalhadores rurais e por mais três ou quatro sindicatos dispersos, na sua quasi totalidade orientados por elementos reformistas e conservadores, como constitui um exemplo a Associação dos Pedreiros do Porto.

A Conferência dos Sindicatos Autóno-

mos (?), que pensam efectuar no dia 4 do corrente, constitui uma das primeiras finalidades da obra divisionista. E' a metódica da acção a desenvolver contra a C. G. T., contra os seus objectivos revolucionários. Uma assembleia geral ultimamente realizada soube afirmar a dignidade da classe, recusando a representação nessa Conferência. Essa atitude deve manter-se e consolidar-se. Só pode haver duas soluções: — ou o Sindicato repete definitivamente toda a acção anti-revolucionária que há algum tempo se tem desenvolvido dentro dele e reingressa na Confederação Geral do Trabalho, juntando os seus esforços aos de todo o proletariado organizado à base da mesma, ou então aceita como boa a acção divisionista e colabora com o grupo — transformado em *classe* consciente e capacitada (sic) — que orienta o Sindicato, e nessas circunstâncias, só resta aos que não estiverem dispostos a servir de instrumento nas mãos de tais orientadores, saírem desse Sindicato, onde a sua acção já de nada valerá.

O pedido de demissão que os corpos gerentes apresentaram não passa duma farça. Pretendem coagir a classe a aceitar os seus caprichos sob pena de abandonar os cargos que ocupam, apelando-se de insubstituíveis. Só isto bastaria para fazer vibrar a dignidade duma classe. Convidados de que constituem uma minoria capacitada, *inteligente e culta*, não têm dúvidas em enxovalhar os arsenais de marinha, a quem rotulam de incapazes e estúpidos. Pois bem, os estúpidos e os incapazes precisam de, neste momento, afirmar o seu carácter e a sua altivez.

E' preciso que todos os arsenais acordem as assembleias do nosso Sindicato, velando pela defesa dos princípios que orientam a organização proletária representada pela Confederação Geral do Trabalho.

Torna-se necessário que termine a vergonhosa suspensão de relações com a C. G. T., há tempos aprovada por uma assembleia constituída por uma meia dúzia de sócios, e que, como claramente está demonstrado, vai contra os desejos da numerosa classe arsenalista, retomando o Sindicato a sua posição primitiva dentro dos quadros da Central Operária Portuguesa.

Notas & Comentários

Os que roubam dentro da lei...

Sintra, a formosa vila que tão encantados deixa os seus visitantes, está transformada, no que concerne à venda do pão, num perfeito *Pinhal de Azambuja*. As padarias Tavares, Santos e Marvella, com um desassombro que arripa estão vendendo ao público cada quilo de pão apenas com 700 e 600 gramas! Na última das padarias referidas, o cabo Simões, da policia civil, foi encontrar à venda cada quilo de pão com menos 400 gramas, como se aqueles cavalheiros da encantadora vila estivessem lhes fosse dado o direito de alterar o sistema métrico-decimal! A pesar de autômetro, o padreiro fraudulento continua a vender pão roubado no peso, pouco lhe preocupando o rigor das leis ou os fiscaes respectivos. E não o preocupa a existência dos fiscaes porque entre estes e padreiros há valores entendidos que ainda havemos de pôr a nu.

TIVOLI
Telef. N. 5374
A'S & J's
Caçando feras em Africa
(Segunda série)
O Sinal do Zorro
Superprodução da United Artists
com o celeberrimo artista
Douglas Fairbanks
Pela primeira vez em Portugal
Uma cine farça
Uma revista mundial

A inércia e desleixo dos serviços camarários contribuiu para a crise da habitação

Convida-se a comparecerem hoje na nossa redacção, pelas 12 horas, as pessoas que nos prestaram informações para a local que com o título supra publicámos no vosso número de domingo.

Mais um que abdica...
CALCUTTA, 1.—O «maharajah» Indore abdicou em consequência do incidente com a Inglaterra por motivo do assassinato da bailarina Begum.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa ótima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 45\$00.
Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.
Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3042

HOJE
sobre a cena e a interessante comédia

AMOR UENCE...

Protagonista
ESTER LEÃO
Encenação do professor
ANTONIO PINHEIRO

O SETIMO ANIVERSARIO

Terminaram ontem os festejos de homenagem à «Batalha» que decorreram sempre animadíssimos

A banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense realizou um concerto notável

Terminaram anteontem os festejos de homenagem à *Batalha* pelo seu sétimo aniversário. Decorreram sempre no meio da mais completa harmonia, não tendo havido um único motivo de contrariedade. Respirou-se sempre um ambiente de fraternidade e de solidariedade operária.

O último dia de festas, que foi domingo, trouxe à nossa sede milhares de pessoas que encheram as salas e os longos corredores do vasto edificio. Foi uma verdadeira romaria operária. A *Batalha* foi muito visitada, pois estavam em exposição todas as suas dependências.

A quermesse, que esteve animadíssima, foi um dos maiores divertimentos.

Pode afirmar-se que a comemoração do sétimo aniversário teve o condão de aproximar a *Batalha*, mais ainda do que já estava, da alma popular.

O concerto da banda da S. Instrução e Recreio Barreirense

O concerto que a banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense efectuou anteontem na nossa sede, no último dia dos festejos da Semana de A *Batalha*, foi notável. Regida e orientada pelo conhecido maestro e compositor Manuel Ribeiro, a quem não se tem prestado neste país a justiça que merece, o bom êxito do concerto não nos surpreendeu, porque confiávamos na competência de quem reger e de quem executou.

Lamentamos que o salão não tivesse melhores condições acústicas. Mas a despeito deste contratempo o espectáculo foi admirável. O núcleo musical portou-se à altura dos melhores grupos musicais do país.

O programa bem organizado foi executado a primor. Executaram-se duas rapsódias do sr. Manuel Ribeiro a n.º 4 e a n.º 2. A primeira principalmente agradou-nos imenso pelo acentuado sabor popular e regional.

Há no país um manual inextinguível de música popular que os nossos compositores em regra despresam para se entregarem ao trabalho estéril de musicar assuntos e motivos sem carácter, sem beleza, sem expressão. Bem andou Manuel Ribeiro aproveitando os motivos tão populares e característicos que incluiu na sua *Rapsódia n.º 4*.

A *Marcha Hungara*, de Berlioz, foi executada com muita expressão. O *Tannhäuser*, a peça de maior responsabilidade de todo o programa, foi impecável. Os baixos muito bem marcados e o trabalho do cornetim que é extenuante, pela persistência, entusiasmou-nos pela segurança e pela maneira correcta como soube encher os sons.

Pode afirmar-se que a banda da Sociedade Instrução e Recreio Barreirense consolidou ontem a reputação que tinha. Merecia ser apreciada mais vezes em Lisboa, em concertos sucessivos. A competência de Manuel Ribeiro quer como regente, quer como compositor ficou plena e exuberantemente confirmada.

A *Batalha* honrou-se em ter aquela esplêndida banda como colaboradora das festas realizadas em sua homenagem.

Uma surpresa agradável

Depois do concerto da banda da S. I. e R. Barreirense, veio a Sociedade Filarmónica «Alunos de Apolo» fazer-nos a agradável surpresa de cumprimentar-nos, tocando em frente das nossas janelas alguns interessantes trechos musicais.

Não esquecermos ainda que foi aquela Sociedade que primeiro tocou em Lisboa o hino da *Batalha*. Não pôde ela, como era desejo da comissão organizadora, colaborar nos festejos em virtude de já ter compromissos a que não podia faltar. Mas não deixou de vir patenter anteontem a sua simpatia pelo jornal dos trabalhadores vindo trazer-nos as suas felicitações duma forma gentil, que penhoradamente agradecemos.

A recita à noite

O salão de festas da Construção Civil encontrava-se à noite literalmente cheio. Representaram-se como dissemos, desempenhadas pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária, as peças «A ceia dos pobres», de Campos Lima, e «O segredo do pescador».

Nos intervalos tocou o «Grupo Amigos da Paródia», que foi muito apreciado. Também nos intervalos foram leiloadas várias prendas que atingiram quantias importantes.

As peças foram bem desempenhadas tendo deixado a numerosa assistência, que aplaudiu freneticamente, admiravelmente impressionada.

Os restantes objectos para a quermesse

Nota dos restantes objectos e valores que foram oferecidos à *Batalha*, e que se destinaram à sua quermesse:

Da Cooperativa Lisboense de Chauffeurs, a quantia de Esc. 100\$00; de Gregório Casimiro Ribeiro, Sintra, 10 dúzias de deliciosas queijadas, fabricação especial; de Carlos Araújo Júnior, Sintra, 1 elegante ramo, bem confeccionado, de lindas camélias alvas, raídas e rubras; de Carlos Galo, Sintra, 1 precioso mealheiro, uma bilhinha artística, com relevo, 1 belo par de jarras (estas prendas são em loja de Estremoz); de Pomplílio Alves Fonseca, 1 par de sapatos para menina, em bom «cali» castanho

escuro; de A. R. C., uma jarreira de verdadeiro barro de Estremoz, lavrada; da menina Maria Helena, uma artística almofadinha de «organdi», com dois camponeses desenhados a tinta da China (executada pela própria); de José Ferreira (pedreiro), 1 livro «A Revolução Portuguesa»; de José Augusto do Castro, Coimbra, 1 livro «Ensaio de uma moral»; de Francisco da Costa Madeira, Coimbra, 1 livro «Elementos de Gramática Portuguesa»; de Belmira Ramos Figueira, Coimbra, 1 tesoura de bom aço, para costura; de Adolfo de Freitas, Coimbra, uma elegante escovinha para dentes, 1 sabonete de aroma muito agradável e uma bisnaga de pasta «Couroca»; de Arnaldo Simões, Janeiro, Coimbra, 1 belo frasco, de «Loção Balsâmica de Violetas» de atraente perfume; de Artur Figueira, Coimbra, uns ferrinhos para música.

Uma nota da Comissão Organizadora

A comissão congratula-se com o entusiasmo, alegria e animação como as festas da «Semana de A *Batalha*» decorreram, o que contribuiu para que os resultados obtidos fossem animadores.

Aqui, reconhecidamente, consigna o seu agradecimento a todos os que auxiliaram, prestando-lhe o seu valioso concurso—não esquecendo o apreciável e brilhante concurso do sexo feminino, cooperando com prendas e com a sua presença nesta comemoração—o que permitiu que a comissão levasse a bom termo o desempenho da missão espinhosa que lhe foi confiada.

Antes, porém, da comissão ter encerrado os seus trabalhos (não olvidando as agruras e laticínios sofridos pelos camaradas presos por questões sociais) foi de parecer organizar-lhes um espectáculo de homenagem, a fim de minorar os seus sacrifícios em prol da causa humana, e cujo produto revertesse a seu favor, esperando esta comissão que a sua lembrança seja acolhida com júbilo e coroada de excelente êxito.

Enviaram saudações à *Batalha* pela passagem do seu sétimo aniversário: a direcção da Cooperativa Lisboense de Chauffeurs; a comissão administrativa do Sindicato dos Operários da Indústria da Construção Civil de Monchique; a direcção do Sindicato dos Manufactores de Calçado de Serpa; a direcção da Associação de Classe dos Operários Corticeiros de Setúbal e o operário Gilberdo de Carvalho.

A comissão executiva da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Caminhos de Ferro de Portugal e Colónias, em nome dos sindicatos federados, saúda no intimo-jornal A *Batalha*, que completa sete anos de existência, toda a organização operária portuguesa.

O Núcleo da Juventude Sindicalista do Pôrto saúda A *Batalha*, fazendo votos por que ela continue a defender os princípios do puro sindicalismo revolucionário.

A Associação dos Manipuladores de Pão, em sessão magna, resolveu saúdar A *Batalha* pelo seu sétimo aniversário e pela sua luta inquebrantável contra a tirania capitalista.

A Associação dos Manipuladores de Tabaco de Lisboa saúda afectuosamente A *Batalha*.

A comissão administrativa do grupo de solidariedade dos 21 Manufactores de Calçado veio à nossa redacção saúdar A *Batalha*.

A comissão administrativa da Associação dos Litógrafos do Pôrto envia à *Batalha* saudações calorosas pela sua firmeza sindicalista revolucionária.

A direcção da Associação do Pessoal dos Tabacos admitido depois de 15 de Maio, de 1890, felicita o diário A *Batalha*.

A comissão administrativa da Associação dos Manufactores de Calçado saúda o porta-voz da organização operária, fazendo ardentes votos porque a ideologia libertária do sindicalismo se afirme mais, se é possível, na orientação de A *Batalha*.

O ferroviário Franklin Pereira saúda A *Batalha* como o intemerato paladino dos trabalhadores.

A U. S. O. de Évora enviou-nos uma saudação pela passagem do aniversário de A *Batalha*.

Atônso Mesquita, de Évora, felicita A *Batalha* pelo seu aniversário.

Os componentes do Grupo Amigos da Instrução, da Moita, saúdam efusivamente o jornal A *Batalha* pela passagem do seu 7.º aniversário.

Do Sindicato da Construção Civil de Oeiras: Saúdamos A *Batalha* pela passagem do seu 7.º aniversário e fazemos votos para que o órgão operário se entre no 8.º ano de publicação redobrar de tiragem porque será assim um grande triunfo para a organização operária.

Da Liga das Artes da Viação Portuguesa.

A comissão administrativa deste organismo representante do pessoal assalariado da Companhia Carris de Ferro do Pôrto, num total de 1.600 trabalhadores, saúda em nome dos mesmos o jornal A *Batalha* — porta-voz da organização operária portuguesa — pelo seu sétimo 7.º aniversário e ao mesmo tempo prestando-lhe homenagem e apoio, pela luta titânica que tem sustentado contra os que só pela exploração vivem sugando os trabalhadores, e aos homens honestos (sic) que representam a sociedade capitalista — com falsos capitais — como sejam Inocêntes, Mota Gomes e quejandos.

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Apolo

A festa de Adeline Abranches com o «Samsão» de Bernstein

Adeline Abranches é das mais belas figuras do teatro português. As suas criações no género dramático são perfeitíssimas. Adeline Abranches é o seu nome glorioso. Parece que no dia da sua festa nem um só lugar devia ficar por adquirir. Seria lógico, seria justíssimo. E, dando-se este ano, como se deu, a circunstância de coincidir a festa com a reaparição da peça de Bernstein «Samsão», maior interesse deveria ainda produzir a representação. Porém, não há lógica, nem justiça que resista à indiferença criminosa porque vem sendo tratado pelo público e pelos que se dizem mentores da sociedade portuguesa, tudo o que se relaciona com a arte.

Adeline vive a casa quasi às moscas... E se para ela foi doloroso, para nós que a admiramos, também o foi deveras!

A grande actriz fazia o papel de Marquês de Adeline. Compreendeu-o com o seu talento, animado, deu-lhe realce, assumindo por vezes exactíssimas atitudes. Alves da Cunha deu ao personagem de «Jacques Brachard», um interesse, uma expressão humana admiráveis. E se o terceiro acto reportou o maior esforço de violência, o último condensou o sentimento que caracteriza a peça.

Neste acto Alves da Cunha esteve superior. Berta de Bivar num papel um pouco à margem das suas aptidões de comediante, foi estudiosa, atingindo o melhor aspecto que a rubrica lhe indicava no último acto, na cena final. Carlos de Oliveira foi um «Jérôme de Goinne» um tanto fatigado e só o seu merecimento lhe garantia o êxito que ainda pôde alcançar. Sacramento sóbrio. Frívolo e distinto António de Melo. José Cardoso precipitado na dicção. Maria Isabel um tanto desleixada, ora correctíssima, ora hesitante. Os outros artistas Carlos de Sousa, Artur Braga e Mariano de Figueiredo, com reconhecida diligência.

Nogueira de BRITO
No Ginásio

A festa de Fernandes Fão

Boa concorrência foi a da festa artística do maestro Fernandes Fão. Numerosa e seleccionada. Teve o regente da Orquestra Portuguesa ensino de ver como é reconhecido o trabalho, como são admiradas as suas qualidades de músico. A ovação que lhe foi feita, quando, a terminar o concerto, a orquestra executou a sua *Apertura Sinfónica* deve ter-lhe dado a medida da admiração que o publico dos seus concertos sente por ele.

For o concerto de domingo, dos melhores que Fão nos tem oferecido. A profusão da *Roi d'Is*, de Lalo, teve uma execução perfeita, cheia de sonoridade. Bastaria esta obra para pôr à prova a capacidade interpretativa dos executantes. João Passos, solo no violoncelo e no concerto de Leonardo Leo, entusiasmou o auditório. O poema sinfónico de Respighi, *Pini da Roma* é uma página de grande originalidade, do que há de mais moderno como sinfonismo descritivo. A sucessão rítmica é dum poder de sugestão, dum verdade de impressionismo encantador. Intervieram nesta execução D. Regina Cascais, Jaime Silva, Sampaio Ribeiro e Alfredo Mantua.

O concerto n.º 4 de Saint-Saëns, executado pela pianista D. Florinda Santos, causou sensação, pela forma brilhante, decidida e correctíssima como foi tocado. D. Florinda Santos que executou extra-programa, uma composição de Schumann, foi ruidosamente palmeada.

E' algum! O concerto para violinos do setecentista italiano Leonardo Leo teve uma interpretação bastante cuidada da parte de D. Regina Cascais, Fernando Cabral, Artur Fát, Luis Barbosa, e Ivone Dupry.

A orquestra esteve, como se diz-se, nos seus dias mais felizes.

N. de B.

No São Luís

A estreia da companhia de ópera com a «Aida»

Já temos ópera. Devemos esse serviço à empresa do Teatro São Luís. E a ópera que temos agradou-nos deveras. E embora saibamos a despeza que ela acarretará, nem por isso deixaremos de desejar que a empresa a torne acessível às camadas populares, baixando os preços que são na verdade um tanto altos. E se isso é difícil nos lugares mais elevados, dada a defesa que o teatro tem com uma bela geral e um vasto *promotor* não seria muito nocivo à diminuição dos preços nestas duas localidades. O número de compradores compensaria o certo a baixa desses preços. Ao menos uma ou duas recitas populares na semana.

A «Aida», sempre bela ópera, que há de ficar imortal nos anais da música de todos os tempos, teve uma interpretação muito correcta. Bom tenor, Arnaldo Lindi cantou com *entrain* e um ligeiro abaixamento de voz que teve no terceiro acto, foi compensado na forma por que cantou o resto da ópera. Eva Turner, artista de crédito firmado, foi das melhores Aidas que tenho ouvido, como também o foi o simpático e correctíssimo baritone De Franceschi. A mezzo-soprano Bianca Serena incarnou, com boa escola de canto, o papel de Amneris. Bem Torres de Luna. Afinações e certos os coros. O maestro Clivio merece um aplauso. A quem dirige a encenação recomendamos a forma à *la diable* como os coristas femininos vinham vestidos. E' desagradável ver as roupas brancas divorciadas com o fato de scena. E' uma ligeira nota que tem de ser ponderada. Não a apontáramos se a companhia o não merecesse. A orquestra bem encaminhada por Emilio Cooper.

N. de B.

Noticias

Deve estrear-se a 12 do corrente, no Apolo, a Companhia Iida Stinchin-Rafael Marques, cuja digressão pela provincia tem sido coroada pelo maior êxito.

Recêlames

Sempre com enches e enorme entusiasmo, nem numa só noite deixa de representar-se, no Maria Vitória, «incomparável revista «Foot-Ball», a sensacional peça que possui a mais qualidade de a todos agradar. Ao Maria Vitória não falte, pois, quem quer passar uma noite divertidíssima.

—A Orquestra Portuguesa sob a direcção do ilustre maestro Fernandes Fão dá o seu penúltimo concerto sinfónico, da série actual, no Ginásio, no domingo próximo, com um primoroso programa que está sendo organizado a capricho.

—Hoje no Chiado Terrasse, última exi-

O REGIME DOS TABACOS

UMA SAUDAÇÃO À «BATALHA»

Recebemos o seguinte officio:

Sr. director de «A Batalha». — A assembleia magna dos operários do serviço da Companhia dos Tabacos, realizada em 22 do corrente no salão da *A Voz do Operário*, a que tive a honra de presidir, deliberou por unanimidade enviar a V. um voto de saudação, atendendo à justa defesa que V. se tem dignado fazer, no jornal *A Batalha*, dos interesses daquela classe.

Cumpr-me, pois, com muito prazer, transmitindo a V. o que acima dito fica, e aproveitando o ensejo, junto remeto cópia da representação que o pessoal operário e não operário dos tabacos dirigiu ao sr. ministro das Finanças (que *A Batalha* já publicou) pedindo modificação nalgumas bases e SS da proposta sobre Regie, esperando confiantemente todos os interessados que V. continuará a dispensar-lhes o seu valioso auxilio, pugnando pelas pretensões por eles consignadas na referida representação.

Saúde e Fraternidade.—Manuel de Azevedo Fialho.

A questão da pesca

Os pescadores de Fuzeta dirigem-se ao Parlamento reclamando contra o abuso dos seus colegas espanhóis

Os pescadores da Fuzeta enviaram ao presidente da Câmara dos Deputados o telegrama seguinte, do qual pedem a sua publicação:

«Em virtude do vergonhoso abandono que os deputados algarvieses votaram aos interesses da pesca, a comissão abaixo assinada, delegada dos pescadores de Fuzeta, protesta energicamente contra a sintomática indiferença das entidades encarregadas da fiscalização da costa as quais permitem que os espanhóis, com audácia pasmosa e seguros da impunidade, pratiquem actos de verdadeira pirataria, pescando a quem lhes sem respeito algum e roubando-nos os peixes e aparelhos de pesca. Se ainda somos portugueses e nos é permitido protestar, aqui fica a nossa justa e activa reclamação.»

Comissão: (m) Alfredo Simões, João da Conceição Júnior, Jesuino Soares, Abel Sabino, José da Graça.

Coliseu dos Recreios

HOJE

Grandioso espectáculo

2.ª apresentação

dos extraordinários perchistas

KUHN

AS GRANDES ATRACÇÕES

A mulher-ave—A mulher-estátua

A aplaudida artista portuguesa

ISAURA DIAS

Todas as notabilidades da

Grande Companhia de Circo

Quinta-feira—Matinée elegante

OS QUE MORREM

Carlos Graça

Faleceu ontem, pelas 14 horas, Carlos Graça, empregado da Companhia Industrial Portugal e Colónias.

O extinto contava 27 anos e deixa três filhinhos na orfandade, sendo o mais velho de 8 anos.

A companhia onde estava empregado cortou-lhe os vencimentos há mais de um ano.

O infeliz morreu tuberculoso. Se não fora a solidariedade dos seus amigos residentes na Graça, há muito que a miséria tinha entrado no seu lar.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo Dramático Solidariedade Operária.—Reúne hoje a comissão revisora de contas.

Teatro Avenida
HOJE
como todas as noites
O
PÃO DE LÓ
O mais delicioso manjar

HOJE—HOJE
O FANTASIOSO
Fungágá
ampliado com o novo quadro
Curso Livre
em que LAURA COSTA
tem os números
A LABIA
E O
FLIRT

Teatro Maria Vitória
Duas sessões
A's 9/2 e 10 1/2
Grande successo da celebre repista
Foot-Ball
Successo estupendo com o bis-Des
Rosas
A Revolução de Casilhas
e a famosa canção
Ó CATARINA
Coplas novas, no famoso JORCA
Amanhã e sempre Foot-Ball

«A Batalha» na provincia e arradoras

Almada

Um despota

ALMADA, 25.—Já de há tempos que vimos recebendo queixas de que o novo encarregado geral das oficinas dos srs. Parry & Sons, Ltd., no Ginjal, vinha cometendo uma série de tropelias contra o pessoal ali empregado.

Para com mais conhecimento de causa algo dizermos sobre tal criatura, procurámos entrevistar alguns operários daquela casa.

Abordados alguns camaradas principiaes por lhes perguntar:

—Então é verdade o que se diz do vosso mestre geral?

—E' tudo verdade—diz-nos um dos camaradas—mas, ainda não se disse tudo o que se devia dizer.

—Mas en lhe conto. Este mestre que se chama Mário Gomes Pereira, e dá pela alcunha de *Mário Tragador* foi já operário da casa, e por razões que não vem para o caso, saiu daqui e foi para a Africa—se não estou em erro—sem que mais se pensasse nele.

—Agora aparece-nos de repente aqui, feito mestre geral, não sei se por artes do «Chico e do Zecas».

—A sua acção como mestre geral tem sido só derrotista. Ele manda escangalhar tudo que lhe dá na sua omnipotente vontade, ao ponto de ser ultimamente alcunhado de mestre da sucata. Por vontade sua já as oficinas do Ginjal estavam fechadas sem se importar de tirar o pão da boca de centenas de criaturas.

—Imagine que há dias terminaram os trabalhos de reparação que alguns operários destas oficinas, estavam fazendo no vapor *Africa*.

—Pois quando regressaram à oficina, tinham todos ordem de despedimento.

—E tudo isto arranjado por quem?

—Por ele naturalmente. O que é certo é que esses camaradas foram a Lisboa falar com o patrão, e este disse-lhes que viessem para Casilhas que ele viria averiguar do que havia, e quando aqueles camaradas cá chegaram, o tal mestre geral mandou-os imediatamente trabalhar, mesmo sem o patrão cá ter chegado. Ora já você vê que estes factos nos dão direito de dizermos que o despedimento foi unicamente da responsabilidade do mestre geral. Mas fiquemos por aqui, porque o contar-lhe tudo levaria muito tempo.

Os comentários que os façam os que nos lerem, porque quanto a nós não os faremos pois que logo que possamos voltaremos ao assunto para focar bem a biografia deste novo soba, que tem o chorudo ordenado de 47\$00 e picos diários.—C.

Ourivesaria e Joalharia

SANTOS CATITA, L.ºA

R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido de objectos de ouro e prata e relógios das melhores marcas. Compram e pagam ao melhor preço ouro e prata para derreter.

Ocorrências diversas

No Banco do hospital de São José, recebeu curativo e recolheu a casa, Manuel de Oliveira Gomes, de 55 anos, natural de Ovar, trabalhador, residente no Bêco da Cardoso, 22, loja, que no largo da Anunciada, foi atropelado por um automóvel, ficando contuso pelo corpo.

No Banco do mesmo hospital também recebeu curativo e seguiu depois para casa, António Nunes Fitas, de 22 anos, natural de Torres Novas, relojeiro, residente no Bêco dos Aciprestes, 4, que quando na oficina de seu pai, rua de São Paulo, 100, trabalhava com um fogareiro de petróleo, inflamou-se uma porção de gaz, resultando o António ficar queimado no rosto e nas mãos.

O nosso aniversário e o modo de sermos revolucionários

Passando nesta data o 7.º aniversário do órgão proletário, e acudindo com prazer ao chamamento do camarada e dedicado amigo director deste jornal, nós não queremos pois deixar de vir aqui neste momento de festas trazer a nossa mais entusiástica saudação ao operariado português e patentear a nossa mais viva admiração pela obra grandiosa que no campo social vem realizando *A Batalha*.

Dentro da finalidade educativa que a imprensa se devia impor, e de que na quasi totalidade toda ela se vem desviando, a nós se nos afigura que *A Batalha* é bem o campeão da imprensa portuguesa. Tem sido ela que mais tenazmente e melhor tem sabido lutar pela sublimidade dos princípios revolucionários.

E nós, revolucionário como nos orgulhamos de ser, no sentido moral, literário, artístico e social do termo, que não no sentido que lhe dão aqueles que pescam sociologia pelas alfurças, nós não podemos por isso deixar de estar de alma e coração ao lado de todos aqueles e todas as classes que mais arduamente se veem empenhadas pelo triunfo da Revolução. Nós mesmo colocamos ao serviço da revolução, a maior soma possível de esforço de que podemos dispor.

E que para nós a revolução é nem mais nem menos que a exteriorização de todos os desejos de perfeição e liberdade manifestados pelos povos através de todos os tempos. Sim, para nós a revolução é a luta constante travada pela humanidade na sua ansia sublime e jamais desmentida de melhorar e aperfeiçoar sucessivamente as condições da sua vida moral, social e económica. Tem sido a revolução, que ontem e hoje, num alcançar de sucessivas vitórias tem vindo infiltrando princípios mais humanos na alma do homem, e que amanhã no triunfo duma nova parcela mais há de divinizar o ser humano, não permitindo mais que o homem seja o escravo do outro homem, que o homem seja o carrasco do seu semelhante revelando-se a revolução há de eternamente inspirar ao homem novas perfeições e com o apogeu do seu triunfo e a sua glória trará a proclamação absoluta da verdade e da justiça, da razão, do bem do amor universal. Foi a revolução que iperou no campo científico toda essa série colossal de descobertas e aperfeiçoamentos realizados desde as cavernas até aos nossos dias.

Para nós a revolução é a manifestação de todas as lutas pelo triunfo da liberdade, da justiça, da razão, de tudo enfim que for verdade, amor e bem social.

Assim, possuídos dum espírito progressivo que só a morte será capaz de destruir, nós não deixaremos nunca de afirmar, eja onde for, a nossa ideologia revolucionária porque ela sintetiza o máximo de bem-estar social, moral e económico para toda a humanidade. Poderá a doença, o deâmino, a descrença nas virtudes de alguns homens de hoje alquebrar-nos as energias, mas a esperança no futuro, a fé, a crença no triunfo da revolução após alguns leves fômites de aparente estabilidade, essa aia há de destruí-la.

A nossa fé, a firmeza da nossa crença no triunfo da revolução é absolutamente inestrutível porque nós vem dos ensinamentos que serenamente e de vista desceida de facciosismos e fanatismos políticos ou religiosos temos colhido nas investigações feitas através da história da humanidade.

Coerentes pois com estes princípios nós não podemos por isso deixar de estar ao lado do operariado português, que em bondade é quem melhor tem sabido encarar as questões sociais, por mais que isso se aos nossos arcaicos sociólogos.

Dentre da pureza da sua ideologia revolucionária ele vem pugnando pela realização duma obra social que é nem mais nem menos aquela que nós idealizamos, aquela que se coaduna com a maneira como nós idealizamos, aquela que se coaduna com a maneira como nós definimos a revolução.

E' com entusiasmo pois que nós saudamos o operariado português nesta hora em que ele festeja o 7.º aniversário do seu órgão na imprensa. E como operário que somos também, e ao mesmo tempo que fazemos votos pela breve realização das nossas comuns aspirações, nós não podemos deixar de afirmar o nosso pesar ante as divisões feitas no seio dos trabalhadores, fazendo votos porque o operariado se congregue senão sob uma verdadeira unidade ideológica, ao menos se estreite numa acção comum sob o desejo de certo a todos abraça de imprimir uma mais intensa celebridade à marcha da revolução.

Carvalho DUARTE

(Professor)

Grémio dos Professores Primários Oficiais de Lisboa

A direcção deste grémio está promovendo a realização de uma série de conferências de carácter pedagógico, que terão lugar na sala Algarve, da Sociedade de Geografia, devendo a sua inauguração efectuar-se no dia 6 de mês de Março.

Constituirá esta série de conferências, as seguintes:

«O problema nacional de educação», pelo sr. Dr. Reis Santos, «Os problemas do analfabetismo», dr. António Sérgio, «Características essenciais de uma reforma de educação», dr. João Camoes, «A acção social da escola primária», dr. Carneiro de Moura, «Vantagens sociais do trabalho manual na educação», dr. Emilio Costa, «A educação liberal», dr. Agostinho Fortes, «Possibilidades do ensino oficial», Inspector Alberty, «As sciencias naturais na instrução primária», dr. Faria de Vasconcelos, «A mulher na educação do povo», D. Ana de Castro Osório, «A psicologia infantil e o ensino», dr. Alberto Pimentel, «A escola atrante. Afectividade do professor», D. Irene Lisboa, «O ensino primário na Suíça», dr. Faria de Vasconcelos, «Higiene e assistência médica na escola primária», dr. Pacheco de Miranda, e «A educação estética e social na escola primária», dr. Adolfo Lima.

As conferências serão semanais, realizadas em dias sábados, pelas 21 horas.

Calçado mais barato

BOTAS para homem desde 5300. Sapatos para senhora, em verniz, camurça e pecca, por preços muito em conta. Grande salão em sandálias, R. do Comércio, 11, 21.

DESPORTOS

FUTEBOL

Os resultados do Campeonato de futebol pós a cabeça o Vitória e a Belenenses

Complicava-se deveras a previsão do resultado da classificação final.

O Belenenses, que era visto já como um concorrente comprometido, voltou a ocupar a cabeça, ao lado do Vitória, com as probabilidades mais promettedoras. Não virá outro incidente imprevisto apesar os acudilhados candidatos em favor do Sporting, que, abalado já com os resultados feitos com o Casa Pia e ultimamente com o Carcavelinhos, tem ainda dois obstáculos a vencer—Bemfica e Belenenses?

A saírem-se bem—os «leões»—destes dois encontros, poderão ainda aspirar a manter o título, contando problemáticamente com algum desejo que porventura o Vitória ainda venha a sofrer.

A não ser assim—tudo hipóteses críveis—é o Vitória que reúne as melhores probabilidades em se classificar o titular de Lisboa, e com justiça, como prémio ao seu árduo trabalho.

A três encontros do fim, o campeão de Lisboa é ainda para a «aficção» uma incógnita.

O Bemfica, que se triunfasse ontem, teria alcançado uma boa posição, que os dois mais importantes encontros, ainda a fazer, determinariam, está alastado irremediavelmente da meta do triunfo.

Sporting-9—Carcavelinhos-7 (em todas as categorias)

Numa má tarde de jogo, os titulares dos dois grupos que se encontraram no Campo Grande concluíram por trabalhar para os outros...

O Sporting, mantendo superioridade sobre o seu antagonista, teve a vitória na mão e deixou-a fugir, consentindo no estabelecimento do empate que o Carcavelinhos lhe arrancou em «extremis».

Os «leões» deixaram assim comprometer a sua situação, passando ao terceiro lugar, só podendo novamente ascender se amanhã outros, em circunstâncias análogas de ontem, lhe fornecerem os degraus...

Bateram o adversário em segundas e terceiras categorias por 3-2 e 2-0 e foram vencidos pelo Carcavelinhos em quartas por três bolas a duas.

Bemfica faz 18 bolas contra 10 das Belenenses

Vitória sensível do Bemfica nas três categorias inferiores e uma derrota seriamente comprometida do seu grupo titular, foi o que se registou no campo das Amoreiras.

O Belenenses reconquistou, num belo esforço, o «comando das operações», perdido com a derrota sofrida no Restelo. Ninguém —dos que assistiram ao encontro— o diria, nem eles próprios o esperavam.

Com o jogo dirigido sempre pelos «vermelhos», que organizando bem o ataque, deram a convicção de vencerem o seu adversário por 4-2 até aos oitenta minutos, sobreviu um «volte face» e rapidamente o resultado modificou-se para um 5-4 a favor dos «leões».

Como se operou a metamorfose? Sintetiza-se admiravelmente uma exclamação cheia de verdade e de espírito do conhecido meio de Belém—Cesar—ao terminar o encontro: «puzeram-se a dormir na forma aí tem o resultado».

E assim foi na verdade!

Má direcção de quem de direito, que não soube devidamente defender o resultado, até então conquistado com invulgar brilho. Foi este o melhor jogo da tarde de domingo, o mais emotivo, o de melhor exibição.

Os Belenenses haviam já deixado bater-se por 4-0 em quartas; por 4-3 em terceiras e 6-2 em segundas categorias.

O Vitória totaliza 14 bolas contra 3 do Império

Porque o Império resistiu melhor que o habitual e também, pela sua má acção, o Vitória só arrancou um 3-0 em primeiras categorias, no seu jogo em Palmela. Foi o bastante para vencer e não perder a classificação ambicionada, mas triunfo difícil na verdade, se nos demoramos a analisar o valor e as responsabilidades inerentes a cada um dos contendores. E o grupo de Setúbal não pode nem deve descurar-se se não quiser sujeitar-se ingloriamente a um desgosto sério...

Talvez exagerada confiança na fraqueza do adversário... que bem poderia tê-lo surpreendido.

Marcados os 3 pontos da lei, por falta de comparência do Império em quartas categorias, o Vitória venceu nas segundas e terceiras por 8-1 e 3-2.

O União perde em 1.ª com o Casa Pia e ganha nas restantes fazendo 12 bolas a 4

No Restelo, o Casa Pia, num grande esforço, passa à frente do seu rival de Santo Amaro por um escasso 1-0, feito logo no início do encontro.

Várias diatribes e peripécias, originadas em desacórdios nascidos da arbitragem mal recebida nas suas decisões pelos «unifonistas», esmaíram o desafio, e a sua história é curta e desinteressada, julgando-se o União prejudicado.

Nas categorias inferiores foi evidente a sua superioridade pois conseguiram bater os «casapias» por 6-3, 4-0 e 2-0.

Campeonato de Hockey em campo

Aberto o campeonato do Hockey em campo, pela Federação desta modalidade desportiva, encontraram-se no domingo os primeiros quatro clubes inscritos.

O Hockey Clube de Portugal venceu facilmente o Amoreiras Atlético Clube por 4-0; duas bolas em cada meio tempo. O velho e conhecido Internacional Futebol Clube, o mais adestrado nesta especialidade de desporto, com uma boa formação bateu o Excelsior Sport Clube por 6-0, dominando em quasi todo o encontro, não permitindo que adversário conseguisse inquietar seriamente a sua defesa.

Devia ainda realizar-se o encontro Sporting-Portugal F. Club que por falta do segundo adversário se não efectivou sendo conferido ao Sporting a vitória.

O I Encontro em Futebol Colimbra-Aveiro

COIMBRA, 28—Realizado o desafio inter-cidades Aveiro-Colimbra, perante desusada e numerosa assistência, saiu vencedora a «equipe» representativa de Colimbra por 5-2. Revelou-se superioridade técnica no grupo vencedor não desmerecendo contudo referência o entusiasmo e ardor posto na luta pelo vencedor. Arbitragem correcta.

Para a prova pedestre de 5 quilómetros, organizada pelo Benfismo Atlético Club, que se efectua no dia 7 de Março, já se encontra aberta a inscrição na calçada Agostinho Carvalho 21, r/c das 8 às 9,30 horas da noite. Os prémios estão em exposição na chapeleira Azevedo Rua L.d.º, Rossio, esquina do largo de S. Domingos.

TRESPASSA-SE

Oficina de marceneiro, com boa clientela e pouca despesa. Diz-se nesta redacção.

Data gloriosa

Vinte e três de Fevereiro de 1919 é uma data gloriosa que está gravada em letras de ouro na história do proletariado português, por ser a data em que um grupo de dedicados camaradas, audazes prosélitos do ideal sublime da emancipação trabalhadora, deu à luz da publicdade, pela vez primeira, o jornal *A Batalha*.

O grande objectivo desses camaradas foi a constituição dum periódico diário que defendesse e despertasse aqueles que através dos seculos vêm produzindo quanto há de belo e que ainda não souberam apropriar-se do fruto do seu trabalho.

Viram claramente esses pioneiros do futuro que a tarefa era bastante espinhosa, não só pela falta de recursos pecuniários, como ainda pela grande repressão que a burguesia de todas as cores exercia sobre as classes trabalhadoras. Porém, animados por esse entusiasmo que caracteriza todos os paladinos da verdade e da justiça, auxiliados pela organização operária e vencidas as dificuldades financeiras, fecharam também os ouvidos aos clamores mais ou menos rancorosos das classes dominantes, e conseguiram, através de todos os obstáculos, verem coroada de bom êxito a sua bela iniciativa.

E, decorridos que são sete anos, temos que constatar com imenso prazer e satisfação, que os que trabalharam tão sabido e corresponsando aos sacrificios levados à prática por essa plêiade de lutadores, protegendo e defendendo denodadamente o seu órgão na imprensa.

Nem outra coisa haveria a esperar desse grandioso número de operários conscientes, senão esse gesto nobre e altivo, que não só dignifica como operários produtores, mas também como idealistas sinceros que caminham para a redenção humana.

E assim, estamos plenamente convencidos que o auxílio até agora prestado a *A Batalha* mais se irá acentuando, já mais na época que vamos atravessando, em que a par da desmoralização burguesa se nota a decadência mental de certos elementos divisionistas que, esquecendo um passado de afirmações revolucionárias, hoje, impelidos por objectivos políticos, pretendem levar à prática a traiçoeira obra de destruir o que tanto tem custado a edificar.

Porisso, presados camaradas, auxiliar e defender *A Batalha*, porta-voz da classe operária organizada, acérrimo defensor dos deserdados e o único jornal com autoridade moral no meio corrupto em que vegeta quasi toda a imprensa burguesa, é auxiliar e defender a C. G. T. e todos quantos sinceramente marcham para a conquista duma sociedade sem sofismas nem hipocrisias, onde os homens se unam mutuamente e sejam livres na terra livre.

E assim em, meus amigos, não podia nem devia deixar no olvido a data solene do aparecimento de *A Batalha*, saudando os seus fundadores e continuadores, os camaradas director e redactores de tão interessante jornal operário, fazendo ardentes votos pela sua longa vida, sempre cheia de prosperidades, saudando também toda a família trabalhadora.

Que luz.

F. Nunes SCHEIDECKER

INSTRUÇÃO

Liga de Acção Educativa

A comissão executiva desta Liga reuniu ontem com a Secção Local de Lisboa, tendo esta última tomado posse e distribuído entre si os diversos cargos.

Entre outros assumptos que se prendem com o início dos seus trabalhos, apreciou-se o pedido feito à Liga pela União dos Defensores da Criança no sentido de que a Liga tome a sua iniciativa de realizar este ano a Semana da Criança, pedido este que foi tomado em consideração, indo a Liga iniciar imediatamente os seus trabalhos para que a interessante experiência do ano passado possa ser continuada.

Para assentar no modo de realizar este empreendimento refinem os corpos dirigentes da Liga na próxima terça-feira, pelas 20 horas, na sua sede provisória rua da Madalena, 225, 1.ª.

MARCO POSTAL

Manuel Filipe, do Sul e Sueste.—Encontra-se na nossa administração um passe duma pessoa de sua família que lhe será entregue quando o reclame.

AGENDA

CALENDARIO DE FEVEREIRO

Q.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

MARES DE HOJE

Pratamar às 4,41 e às 4,55
Baixamar às 10,11 e às 10,25

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque		9475
Madrid cheque		2576
Paris, cheque		573
Suiza, cheque		3576
Bruxelas cheque		389
New-York, cheque		19555
Amsterdão, cheque		7583
Italia, cheque		579
Brasil, cheque		2590
Praga, cheque		5824
Suécia, cheque		2576
Anstria, cheque		4566
Berlim, cheque		

ESPECTACULOS

TEATROS
Fto Luis.—A's 21.—«Madame Butterfly».
Nacional.—A's 21,30.—«Amor venoso».
Elmódio.—A's 21,30.—«Banco a glória».
Trindade.—A's 21,30.—«Anco Iris».
Dilettante.—A's 21,30.—«Não te melindres Beatriz».
Fonética.—A's 21,30.—«O Pão de Ló».
Cine.—A's 20,30 e 22,30.—«Fungão».
Iliria Vitória.—A's 20,30 e 22,30.—«Foot-Ball».
Sélio Top.—A's 9,15.—«Pom Pom».
Cine.—A's 21.—«Grande companhia de circo».
Joachim de Almeida.—«Animatógrafo».
Cine.—A's 21.—«Gracia».—«Espectáculos às 3,30».
Luz.—sábados e domingos com matinees.
Luz.—sábados e domingos com matinees.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

Auto protector para evitar a infecção

de todas as doenças venereas, Blenorragia, cancro e todas as doenças sifilíticas, usem:



HALLA 1

remédio alemão duma efficacia garantida usado por todas as pessoas que não queiram apanhar estas doenças.
Cada blança com as instruções de usar custa em Lisboa, 7000, e com caixinha de aluminio, Esc. \$20. Para a provincia mais 1400 de despesa. Envia-se a cobrança, pelo correio.
A venda em Lisboa: YHANNIN CUNHA, rua da Escola Politécnica, 16 e 18—Telefone Norte 4006
A venda no Porto: YHANNIN SQUEIREDO, L.T.D.A., rua Ceboleira, 124.

30

MOBILIAS

32

4 MOBILIAS 4

5.700\$00

Quartos para casal

desde 2.100\$00

3 MOBILIAS 3

3.600\$00

Casas de Jantar

desde 1.400\$00

Lindas mobilias estilo inglês—MOVEIS DESIRMANADOS

Pedimos a V. Ex.ª uma visita ao nosso estabelecimento onde encontram bom gosto e seriedade

ALMEIDA & RODRIGUES

30—RUA DO NORTE—32 (AO CAMÕES)

32

Armazens do Poço do Borratém

Dias, Gonçalves & Dias, Limit.ª

Abriu este novo estabelecimento com um belo sortido de:
Pano branco e crú, especialidade da nossa casa, atalhados, colchas, riscados, cotins, camisolas, assim como lençóis, camisaria e gravataria, retrospectiva.
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
No vosso interesse visitai a nossa casa

37—Poço do Borratém—38

O AUTOMÓVEL SÓ ERA

ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense dos Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis «Citroën» (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
—TELEF. C. 1244—LISBOA—

Pedras Metal Auer

para isqueiros, assim como rodas e molas, vendem-se no
Lata, do Conde Barão
Uma dúzia, \$40; 1 cento, 2\$80; mil, 25\$80
Largo do Conde Barão, 55

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Nuncio—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Viar—4 horas.
Fins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Feto e siliu—Dr. Correia Figueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Leil—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—2 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—12 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Mano—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roa—12 horas.
Ecce e dentes—Dr. Armando Lima—11 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral da Mota—4 horas.
Feio X—Dr. Alex Saldanha—4 horas.
Análises—D. Gabriela Bento—1 hora.

LA KABILINE

Tintas francezas para tingir em casa
Exija em todas as drogarias porque é a mais económica, mais rápida e de efeitos seguros.

BOLAS KABILINE

para reavivar a cor aos tecidos
KABIXOLINE
substitui com vantagem a saponaria
KABIMITE
contra a traça
Shampooing El-Kibir perfumado
G. Pouymayou, L.ª
ARCO DE JESUS, 3—(ao Campo das Cebolas)

BICICLETAS

CHANDLER e RALEIGH
Accessórios para todas as marcas
Armando Crespo & C.ª
115—Rua do Crucifixo—124
LISBOA

Edições de «A Sementeira»

Práticas neo-mallusianas.....\$50
O sentido em que somos anarquistas.....\$30
A peste religiosa.....\$40
A Liberdade.....\$50
A Internacional (música e letra).....\$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 24 desta revista intitulada «Los hijos de la calle», de Federica Montseny.—Preço, \$50.—Pedidos à administração de *A Batalha*.

«HERPETOL»

—) Dá um (—

Alívio instantaneo



SOFRE DE COMICHO provocado pelo ECZEMA e outras DOENÇAS DE PELE? A aplicação de umas gotas de «HERPETOL» fará desaparecer rapidamente o comichão.

O «HERPETOL» CURA. A atestá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do «HERPETOL» é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germes que se encontram nos tecidos, os quais são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSETOS, ECZEMAS, HUMILÓIS SECOS e ECROSTOS DURAIS.

Não hesite e compre um frasco de «HERPETOL» melhor remédio que até hoje apareceu.

A venda nas principais farmácias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Praia, 257, 2.ª.

A ORIGINAL

RUA DA PALMA
266-A

Maletas de cabedal

0,27... 23\$00 0,36... 35\$00
0,30... 27\$00 0,39... 39\$00
0,33... 31\$00 0,42... 43\$00

A prestações

CAÇADO, fazendas, fatos, vestidos, sobretudo, casacos, roupas brancas, meias, malas, relógios, mobilias, SEM FIADOR.

Travessa André Valente, 7 (a calçada do Combro); avenida Almirante Reis, 62; rua do Olival (a Pampulha), 248; calçada da Cruz da Pedra, 1 a 3 (a Xabregas), e no Porto, rua Fernandes Tomás, 193.

ANILINAS

«JACOBUS»
De fabricação alemã
As melhores do mundo!

para tingir em casa toda a qualidade de tecidos e fazendas de seda, lã, algodão, rendas, cortinados, etc.

Únicos depositários gerais:
Sociedade de Produtos Químicos, L.ª da
Em Lisboa: Campo das Cebolas, 43, 1.ª
No Porto: Rua 31 de Janeiro, 171, 1.ª

REBUÇADOS PEITORAIS

Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarras e bronquites.

A BATALHA

Devido à campanha contra a alta finança A BATALHA já se encontra processada onze vezes!



PERSPECTIVA SOMBRIA

Das causas que determinaram a crise de trabalho na indústria metalúrgica fala à 'Batalha' o velho militante Joaquim de Sousa

Desenha-se na indústria metalúrgica uma pavorosa crise de trabalho, cujas consequências são difíceis de prognosticar. Quais as causas do flagelo?

Foi o que procuramos ontem saber junto da comissão de melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa. O nosso entrevistado foi o velho militante da organização metalúrgica Joaquim de Sousa, o qual com uma visão clara do problema nos informou do seguinte:

—A crise de trabalho na indústria metalúrgica pode considerar-se fictícia.

—Como assim?

—Posso asseverar-lhe que a indústria metalúrgica atravessa uma crise propositalmente provocada pelos industriais, cujos intuitos são bem claros: provocar a baixa de salários.

—Já há provas dessa atitude?

—A greve na casa Vulcano em que estão empenhados mais de uma centena de operários. Como é notório, pelas notas publicadas em A Batalha, o pessoal daquela casa há mais de um mês que está em greve contra a pretensão dos proprietários daquela casa que querem reduzir-lhe 10% nos salários.

—Este movimento não é mais do que o prenúncio da baixa de salários que os industriais vão tentar em toda a classe metalúrgica. Se triunfarem na casa Vulcano, essa vitória anima-lhes a prosseguirem nos seus baixos desígnios.

—Mas não há um outro movimento da classe metalúrgica, na Parceria, se não estamos em erro?

—O conflito com o pessoal da Parceria dos Vapores Lisboenses tem uma outra modalidade. Não é bem da baixa de salários que se trata no movimento do referido pessoal. Ele tem outros aspectos, e muito interessantes para o nosso caso.

—Pode explicar-nos as razões desse movimento?

—Do melhor grado, meu caro camarada. Para A Batalha não há segredos quando ela precisa de elementos para bem defender a classe operária. Ai vão todos.

Joaquim de Sousa fez uma breve pausa e depois numa perfeita análise às causas do conflito do pessoal da Parceria, foi dizendo:

—A Parceria dos Vapores Lisboenses, por concurso, há 20 anos, ficou com a exploração de docas e oficinas do porto de Lisboa. Para os respectivos trabalhos foram admitidos operários, os quais atingiram a cifra de 800.

—Terminado que foi o contrato da exploração das referidas docas no princípio deste mês aqueles operários que trabalhavam sob a sua direcção foram lançados na chomage.

—A Parceria alegando que terminara o contrato despediu aqueles operários.

—O que se sucedeu depois?

—Depois de algumas diligências junto da Exploração do Porto de Lisboa, por ser esta entidade que superintende ao assunto, chegámos à conclusão de que estávamos na presença dum perfeito jogo de empurra...

—Fundamentado em quê?

—Ripostavam-nos, ao pessoal e ao delegado do Sindicato: que já tinha sido posta a concurso a exploração das docas e oficinas, ao qual concorreram três empresas, entre elas a Parceria; que desse concurso tinha saído um parecer favorável a uma outra empresa que não era a Parceria, mas que por não ter cumprido com algumas das praxes estabelecidas o ministro do comércio anulou o concurso; e finalmente que se aguardava da parte da Parceria uma proposta pela qual se podesse renovar o contrato a essa empresa.

—Isso não resolve o caso!

—Mas há mais. Quando exigimos uma rápida solução do conflito, a Exploração diz-nos que espera uma palavra da Parceria, e esta alega-nos que não pode renovar o contrato porque os trabalhos ficam muito caros e não dão interesse à empresa.

—E isso é verdade?

—Não, senhor. Sabemos que os trabalhos são bastante rendosos e que a Parceria nunca sofreu nenhum desaire financeiro com qualquer trabalho arrematado.

—E o governo o que diz a esta situação?

—O governo não diz nada, ou, por outra, o sr. Rodrigues Gaspar, actualmente presidente da Câmara dos Deputados, aconselhou-nos a que trabalhássemos mais uma hora do que estabelece o horário de trabalho...

—E isto dum homem que desempenha tão alto cargo!

—Já apresentaram algumas reclamações ao governo?

—Reclamámos, a exemplo do que sucedeu há vinte anos, que os 800 operários que pertencem à Parceria fossem distribuídos pelos diversos estabelecimentos fabris do Estado.

—A Federação Metalúrgica apresentou também a um dos governos transactos uma série de reclamações que obviariam à crise. A terminam?

—O governo não resolve nada e os operários continuam à mercê da sua indiferença. Entretanto...

...entretanto diz-se que os barcos podem ser reparados no estrangeiro com vantagem. Felizmente que essa lenda se vai desfazendo. E disse-se encaregam eles próprios. O caso do «Lobito» é bem sintomático: o navio foi reparado no estrangeiro e tem que ser de novo reparado porque se verificaram algumas fugas nas condutas das caldeiras.

—Nestes dois casos pode ver as causas da crise de trabalho, cujos frutos estão já bem patentes.

Pró-constituição da Federação do Ramo de Alimentação

As resoluções dos Manipuladores de Pão do Porto

Em assembleia geral, reuniu esta colectividade para, entre outros assuntos de interesse de ordem especial para a profissão que representa, se ocupar dum circular dimanada da Comissão Organizadora do Congresso Pró-Federação da Indústria.

Sobre a circular incidiu animada discussão, demonstrando todos os presentes estar mais de acordo com a constituição da Federação do Ramo de Alimentação do que só com a Federação da indústria de padaria.

Por fim aprovou-se esta moção:

«A Associação de Classe dos Operários Manipuladores de Pão, do Porto, reunida em assembleia geral: apreciando o ofício dimanado da Comissão Organizadora do Congresso da Indústria para a formação da Federação respectiva, concordando em princípio, com os objectivos que se propõe realizar a referida Comissão, mas considerando que a classe dos Operários Manipuladores de Pão, do Porto, tem pendente a solução de diversos assuntos de interesse local e de imediata resolução para a classe, como seja a abolição do trabalho das mulheres na indústria e o consequimento do trabalho diurno nas padarias;

Considerando que esses trabalhos, para a sua rápida execução, exigem um enorme esforço da Comissão Administrativa deste Sindicato, bem como de todos os recursos materiais sempre indispensáveis em movimentos desta natureza;

Considerando, portanto, a impossibilidade desta classe poder participar neste momento, dos trabalhos a realizar pela comissão organizadora do Congresso e a impossibilidade da sua representação no mesmo, porque seria desviar a sua atenção das duas questões actualmente a resolver com a agravante de ter de dispor dos recursos materiais com que conta para a realização dos dois referidos movimentos;

Considerando ao mesmo tempo que não será viável uma federação constituída por 4 ou 5 sindicatos apenas quando a indústria de manipulação de pão é geral em todo o país;

Considerando que se impõe, portanto, em vez simplesmente da Federação dos Operários Manipuladores de Pão, a formação da Federação do Ramo da Alimentação, representante de todos os operários da respectiva indústria agrupadas em sindicatos únicos que, para esse fim, se devem constituir em todo o país; como base essencial para a existência e funcionamento da respectiva federação;

Considerando, porém, que para esse efeito é necessária uma intensa e activa propaganda que deve ser realizada pela Federação Geral do Trabalho, secção das Federações;

Considerando ainda o estado de enfraquecimento que se constata na maior parte dos sindicatos da indústria, quer pela apatia das classes, quer pela falta de militantes, alguns presos e outros perseguidos;

Esta associação resolve:

1.º Concordar com a formação da Federação do Ramo de Alimentação constituída pelos sindicatos únicos da respectiva indústria, fazendo-se uma intensa propaganda para a organização destes no maior número possível de localidades do país;

2.º Lembrar à Comissão Organizadora do Congresso a conveniência de se entender com a C. G. T. para os efeitos da propaganda necessária tendente a conseguir a realização do número anterior;

3.º Manifestar à referida Comissão Organizadora do Congresso, a impossibilidade deste sindicato poder aderir, neste momento, à sua bela iniciativa, por ter de resolver, em primeiro lugar, duas questões de alta importância para a classe, como seja: a abolição do trabalho das mulheres na indústria e o consequimento do trabalho diurno nas padarias;

4.º Saludar, no entanto, a referida comissão pela sua bela ideia, propondo-se esta associação oportunamente empregar todo o seu esforço para materializar a ideia da comissão, no sentido indicado no 1.º número desta moção.

Também foi apreciado um ofício dos presos por questões sociais, sendo tirada uma que, que rendeu 21\$50 aos quais se juntaram 50\$00 tirados do cofre da Associação.

«Ciência e Indústria»

Acaba de aparecer o n.º 3 da interessante revista de vulgarização científica e ensino técnico, tratando neste número dos seguintes assuntos:

«A pesca da baleia em Portugal», «Os carvões portugueses», «Automobilismo» (curso prático de mecânicos de automóveis), «Secção Fotográfica: Foto-estúdios artísticos a vermelho; A produção mundial da borracha em 1924», «T. S. F.», «construção de bobinas de sintonização», «Informações técnicas e comerciais», «Fórmulas e receitas», «Bibliografia».

Há ainda os primeiros números.

PREÇO \$350

Pedidos à administração de A BATALHA.

HORARIO DE TRABALHO

A comissão de melhoramentos do Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria, tendo recebido queixas de diversos empregados no comércio devido às transgressões ao regulamento do horário de trabalho, resolveu abrir na sua sede, Largo de São Domingos, 11-1, 2.º, uma inscrição de reclamações, podendo todos os empregados no comércio comunicar quais os locais de estabelecimentos onde se denote estas anomalias, a fim de se proceder imediatamente.

Secção Telegráfica

Federações

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Porto.—Recebemos ofício.

A obra dum Alto Comissário

Na iminência de acontecimentos graves em Moçambique, se o governo não providenciar, demitindo Azevedo Coutinho

Sob a epigrafe «A situação de Lourenço Marques em fins de Janeiro», publicou um jornal da manhã, de 24 do corrente, uma local onde se afirma:

1.º Que a imprensa que não vive dos favores do Governo, combate tenazmente o Alto Comissário Azevedo Coutinho, e que se a Metrópole não providenciar, demitindo-o, é de supor que venham a dar-se graves acontecimentos;

2.º Que a greve dos C. F. L. M. continua sem que o Alto Comissário procure solucionar-lhe;

3.º Que, por medo, as tropas, em Lourenço Marques, continuam de prevenção;

4.º Que se não explicam as violências do Poder contra a população da capital de Moçambique que é extremamente pacata;

5.º Que têm sido feitas prisões que nenhuma lei autoriza, — e que o desterro, para Portugal, de criaturas inofensivas, foi feito sem motivo que o fundamente;

6.º Que continua em Moçambique a censura telegráfica, evitando o Alto Comissário que dia a dia cheguem à Metrópole as queixas daquela Colónia;

7.º Que a mais pequena denúncia, lo funcionário é preso, demitido ou transferido, sem qualquer forma de processo ou prova testemunhal;

8.º Que é tão avassaladora a torrente de revolta e protesto contra o Alto Comissário e seus esbirros, que em 23 de Janeiro foi empastelada a composição do órgão oficioso que defendia o assassino de Raúl Ferreira, honesto ferroviário e inscrito no centro democrático;

9.º Que Figueiredo Lima, o traidor do Niassa, o expulso da Maçonaria, o «esquerdistas» vendido por lbs. 150 ao «bonzo» Azevedo Coutinho, temendo que o liquide (tantos e tão grandes são os seus crimes) «tem estado escondido».

O ministro das Colónias não ignora estes factos. Do mesmo modo não desconhece que os serviços do C. F. L. M. e do porto, estão quase totalmente paralisados, há nada menos de 108 dias, com o material circulante fortemente avariado.

E sabendo tudo isto, não lhe é lícito duvidar que altíssimos prejuízos está sofrendo Moçambique, prejuízos que hão de alargar-se por um considerável período de tempo, motivados pelo descrédito a que foi conduzido o porto de Lourenço Marques.

E que faz esse ministro?

Subordinando o seu critério administrativo à doutrina de que ceder, embora em benefício do país, é diminuir o prestígio da autoridade — não só tacitamente aprova que a mais prometedora colónia de Portugal esteja comprometendo o seu futuro e a sua autonomia — mas, por palavras e por actos, está dando apoio ao Alto Comissário que outra coisa não tem cometido senão inépcias, esbanjamentos, violências, arbitrariedades.

O mais feroz terrorismo impera em Lourenço Marques. A mais descompassada incompetência, a mais conflagrada vacuidade, a mais triste e nociva acção administrativa vem arrastando, para um temeroso abismo, a província de Moçambique; e o ministro das Colónias mostra-se surdo e cego ante o desastre que se avizinha; o ministério, nas suas sessões plenas, ocupa-se de assuntos de *lana caprina*; e por último o parlamento que aí está, nascido ontem e já gasto como um velho de oitenta anos, debate-se numa pavorosa crise de inércia, alheado dos problemas que mais intensamente preocupam o Povo.

A 2000 léguas de distância, ao fundo de África, tem Portugal magníficos territórios, com extensão superior, oito vezes, a da Metrópole. Os campos conservam-se incultos, as populações nativas são alagadas, e as europeias estão hoje sofrendo o chicote despotismo dum governo repulsiu.

Pretende-se ali pelo fome e pelo terror, pelo presidio e pela deportação, esmagar as classes trabalhadoras, a liberdade, o pensamento, a lei; num jornal de grande informação, anunciam-se graves acontecimentos... que se vêm desenhando há muito.

Por outro lado, na Sociedade das Nações, agita-se o problema das colónias, lançando a Itália, a Alemanha, a Inglaterra, olhos ávidos para as extensas e ubérrimas parcelas que Portugal detem na África.

Pois, a pesar de tantos sintomas anunciadores de acontecimentos desagradáveis, nem o Poder Executivo nem o Poder Legislativo acordam, dando mostras de se interessarem pela grandeza e pelo prestígio deste infeliz País.

As interesses gerais ou colectivos, ante-põe-se o interesse partidário, o insaciável apetite de um estomago que não quer largar, de boamente, a choruda posta de mais de 2 contos por dia.

Azevedo Coutinho, que em princípios de Dezembro blasonava de ter normalizados os serviços dos C. F. L. M., com a greve praticamente terminada, não teve pejo de, em fins de Janeiro, solicitar que lhe deixassem continuar a um transporte de guerra, a fim de utilizar os seus fogueiros e maquinistas, nos serviços ferroviários, que lhe mandassem maquinistas e fogueiros da metrópole (e mandou-se-lhe uma sucatu velha, de reformados da armada sem competência, os pseudo-maquinistas a 45 libras e os pseudo-fogueiros a 30 libras, quando os grevistas, especializados, venciam respectivamente lbs 21 e de 14 a 16); e agora pedincha ainda que o autorizem a mandar o transporte de guerra «Gil Eannes» às Maurícias, para conduzir novos contratados.

Se o Governo da Metrópole se interessasse pelos negócios públicos, não esperaria nem mais um minuto para demitir um Alto Comissário que ora afirma uma coisa ora pedincha autorizações que demonstram a falsidade das primeiras informações.

Mas o Governo, lançado quasi sobre o cadáver daquilo a que chama «Pátria», parece não ter tempo senão para auscultar os interesses das clientelas políticas; e, portanto, julgando-se em excelente companhia com Azevedo Coutinho, deixa que a matroca corra a administração de Moçambique e que o despotismo mais feroz algeme, em Lourenço Marques, a alma popular, a alma dos trabalhadores honestos, criadores da riqueza pública.

Os abutres comprazem-se com a carne em putrefacção...

A Federação Internacional das «Trade-Unions» perante a questão da unidade

Alguns membros das «trade unions» inglesas não se mostram satisfeitos com as declarações do comité anglo-russo, dizendo que é preciso evitar toda a acção «unitária» que enfraqueça ou mate a Federação Internacional das «Trade Unions».

Davies, leader tradeunista, criticou o manifesto publicado com as assinaturas do inglês Pugh e do russo Tomsky por achar que eles pretendem ultrapassar as decisões do Congresso Scarborough, procurando desorganizar a Federação Internacional das «Trade Unions».

Ora o Congresso não preconizou esta política, mas resolveu que se fizessem todos os esforços para que a maioria de Amsterdão mudasse a sua atitude perante os russos.

«Matar a F. I. T. U.» — diz Davies — e estabelecer uma Internacional sómente de organizações inglesas e russas seria uma «farça».

Como poderiam os operários da Rússia auxiliar-nos nas lutas industriais, não se limitando a dizer-nos que temos de fazer uma revolução pela força?

Qualquer acção que tenda a enfraquecer ou a matar a F. I. T. U. arrastará o movimento internacional por muitos anos.

Como se vê os propósitos «unitários» dos russos tem simplesmente por objectivo escalfar a F. I. T. U. para se apoderarem alguns dos sindicatos que lhes são mais favoráveis, e que estão dispostos a dar-lhes a sua adesão.

Comité Pró-Presos

Reúne amanhã pelas 20 horas. Pede-se a comparência de todos os componentes.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Caixa de Solidariedade dos Vendedores de Jornais.—Reúne em assembleia geral hoje para continuação dos trabalhos pelas 15 horas.

Cooperativa Operária de Crédito e Consumo Beato e Poço do Bispo.—Reúne no dia 17 do corrente às 21 horas, com a seguinte ordem dos trabalhos: Apresentação do relatório e contas da gerência de 1925 e parecer do conselho fiscal.

MALAS POSTAIS

Por via de Marinha são hoje expedidas malas postais para a Índia portuguesa e Macau, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem das correspondências às 11.30.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho
DE LISBOA

Conselho Geral

Para assuntos da máxima urgência reúne hoje, pelas 20 horas, com a presença de novos e antigos delegados.

COMUNICAÇÕES

Vendedores de Jornais—Reúniu em assembleia geral a classe, tendo sido aprovado o parecer da comissão revisora de contas. Sobre diversos assuntos de interesse para a classe falaram vários camaradas, sendo encerrada a sessão pelas 22 horas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM-SE HOJE:

Contramestres, marinheiros e moços da marinha mercante—Pelas 20 horas a assembleia geral extraordinária para assuntos de interesse para a classe.

Litógrafos e anexos—Pelas 19 horas o pessoal da Foto-litográfica com a comissão administrativa, para um assunto importante.

Manipuladores de massas e farinhas—A assembleia geral, às 17.30 horas.

S. U. C. Civil—Secção Profissional dos Pedreiros.—A assembleia geral pelas 21 horas. Devem comparecer os pedreiros sem trabalho para apreciar a sua situação e resolver qual o caminho a seguir.

Secção Profissional dos Serventes—A comissão administrativa juntamente com os cobradores, para lhes ser entregue o expediente para a cobrança de Março.

Secção Profissional dos Carpinteiros—As comissões administrativa e revisora de contas, em conjunto, às 21 horas.

Comissão do Salto—Pelas 20.30 horas, a comissão revisora de contas nomeada na última assembleia do Sindicato, para rever as referências ao 2.º semestre do ano findo.

Sindicato Único Metalúrgico—Pelas 20 horas, a assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

Apresentação de contas do fim do ano de 1925, nomeação da comissão revisora, preenchimento de cargos vagos e assuntos vários.

Secção de Belém—Pelas 20 horas, a comissão administrativa.—A's 19 horas prestam contas os cobradores.

Impressores Tipográficos—A direcção e cobrador, às 20 horas, e o tesoureiro anterior, às 21 horas.

União Textil—A fim de apreciar uma proposta apresentada pelo Grupo Dramático de Belém numa reunião conjunta entre este organismo e as várias secções sindicais na sede instaladas, pelas 20 horas a direcção com a mesa da assembleia geral, devendo também comparecer os camaradas nomeados na última assembleia geral para o conselho fiscal.

Operários Municipais—Para um assunto de grande interesse, pelas 20.30, as comissões de melhoramentos e administrativa, Caixa de Solidariedade, mesa da assembleia geral e bem assim todos os camaradas que se interessam pelo desenvolvimento da classe.

Pintores da Construção Naval—Para tratar da escala de trabalho e da nomeação de uma comissão de melhoramentos, a assembleia geral, pelas 20 horas.

DIAS PROXIMOS

Federação da Construção Civil—Por motivo de força maior a reunião do Conselho Federal que estava convocada para hoje, realiza-se na próxima quinta-feira.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação da Construção Civil—(Secção de propaganda).—Reúne amanhã pelas 19 horas.

S. U. C. Civil do Porto—Reúniu a comissão administrativa deste sindicato sendo aprovadas as actas das sessões anteriores. Foi resovido fazer baixar a uma assembleia geral os componentes das comissões escolar e de melhoramentos.

Foi apreciado vários expedientes e nomeados a representar este organismo no 6.º aniversário do Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto, Laurentino Novais e Ribeiro Dias.

Resolveu promover uma sessão seguida dum conferência no dia 7 de Março pela passagem do 5.º aniversário da greve geral revolucionária — em que foi assassinado o militante Alfredo Henrique Vilça.

Tomou resolução sobre o projectado movimento fascista e nomeou um delegado à Câmara Sindical do Trabalho.

JOVENTUDES SINDICALISTAS

Federação—Reúne hoje, o Comité Federal, pelas 20 horas.

Núcleo do Porto—Secção dos Manipuladores de Pão.—Reúniu no dia 18 p. p., esta secção em assembleia geral para apresentação de contas da gerência cessante, que depois de lidos os relatórios moral e financeiro foi aprovado sem discussão.

A assembleia aprovou um voto de saudação à comissão cessante da forma como soube cabalmente desempenhar-se da missão que lhe estava confiada.

Entre os vários assuntos pendentes à mesma, foi presente o resultado do espectáculo realizado em benefício do filiado Joaquim de Brito, verificando-se um saldo de 170\$00, tendo sido já entregue ao beneficiado 100\$00.

A assembleia resolveu, atendendo à atitude pouco correcta do mesmo filiado, que os 70\$00 restantes sejam destinados aos presos por questões sociais, o que foi entusiasticamente aprovado.

Mais resolveu, irradiar desta secção Joaquim de Brito e Alfredo Ferreira Canela, este último também pela forma como se tem portado perante esta secção.

Apreciando a melhor maneira de conseguir angariar donativos para a bandeira a inaugurar no dia 1 de Maio, resolveu realizar um espectáculo e oportunamente se anunciou a peça que deve subir a scena.

Por último, tomou medidas tendentes ao robustecimento desta secção juvenil, e saudar a organização operária em geral e em especial as juventudes sindicalistas e presos por questões sociais.

«A Batalha» vende-se em todas as tabacarias

Informações da A. I. T.

3 Congresso de camponeses mexicanos de Guadalajara, Estado de Jalisco

As resoluções tomadas pelo congresso de camponeses mexicanos filiados na C. G. T., reunido em Guadalajara de 15 a 18 de dezembro último, foram as seguintes:

Constituição de uma federação de camponeses revolucionários mexicanos, segundo os princípios:

Os trabalhadores do campo e da cidade têm o direito de se organizar para sua defesa contra os exploradores e opressores do povo e o dever de se unirem mútua e estreitamente para derrubar o capitalismo e o Estado.

Os camponeses organizam-se em comunidades ou sindicatos para manterem luta constante pelo seu bem estar, extranhos a toda a acção política, entendendo que a acção imediata para a conquista da terra é a revolução social que levará os homens para a anarquia.

A federação agrupará as comunidades e sindicatos de camponeses revolucionários, designando-se por Federação Geral Camponesa de comunidades e sindicatos. A F. G. C. estará representada por um secretariado composto de três membros, eleitos pelos congressos da Federação. Para garantir todas as despesas de propaganda cada sindicato pagará uma cota mensal.

Decidiu-se a organização dos pequenos rendeiros em caixas de resistência. Os sindicatos de rendeiros reivindicarão o terço, isto é que um terço da colheita, apenas, seja a parte a caber aos proprietários das terras. Outro terço será colhido por conta dos fazendeiros. Aos proprietários de terras será exigida a construção de abrigos nos campos de sementeira. Os sindicatos rurais lutarão pela conquista do salário mínimo.

Sobre o dia de seis horas, decidiu-se unanimemente aceitar a proposta da comunidade agrícola de Tlajomulco, que advoga para operários e camponeses o dia normal de seis horas de trabalho.

Os trabalhadores rurais e os operários das cidades deverão empreender uma viva campanha contra as guardas brancas, bandos armados pelos proprietários das terras. O primeiro congresso de camponeses inicia todos os camponeses do México a que se arme contra as frequentes agressões dos proprietários e das autoridades.

A finalidade da F. G. C. é a imediata conquista da terra, exercendo a acção directa. Exorta-se, pois, os camponeses a ocupar as terras, formando comunidades livres e federando-as com a maior brevidade. As comunidades livres, logo que sejam formadas, devem prestar mútua solidariedade em caso de ataque por forças do governo ou dos proprietários.

A feira de Leipzig

LEIPZIG, 1.—Foi ontem inaugurada a feira desta cidade, apresentando uma diminuição de 12 por cento no número dos expostos, em consequência da crise económica.

O julgamento de Sacco e Vanzetti iniciou-se no Supremo Tribunal

Recomeçou o julgamento de Bartolomeu Sacco e Nicolau Vanzetti perante o Supremo Tribunal de Justiça, em virtude dos seus advogados terem apelado contra a bárbara sentença que os condenou à morte.

Ambos os defensores declararam na sua apelação que os seus tinham sido condenados mediante uma série de erros legais, acrescentando que o processo instaurado contra eles teve, pela sua evidente anormalidade, uma repercussão internacional.

O que até agora tem impedido o assassinato legal de Sacco e Vanzetti tem sido os protestos do proletariado internacional, e porisso torna-se mais do que nunca necessário agitar esta questão, que afecta a dignidade de todos os trabalhadores.

A salvação destes dois anarquistas, vítimas dos ódios dos pontos americanos, depende da solidariedade do operariado consciente de todo o mundo, que deve contribuir do melhor modo possível para arrancar das garras do monstro capitalista esses dois valerosos combatentes da revolução social.

AS GREVES

Pessoal da Fábrica Vulcano

Reúne hoje, pelas 14 horas, o pessoal grevista da fábrica Vulcano para apreciar a marcha do seu movimento. Os grevistas reúnem na sede do seu sindicato.

Um abalo de terra em Portugal

Conforme noticiou ontem a imprensa sentiu-se anteontem em Lisboa um violento abalo sísmico, que chegou a alarmar muitas pessoas.

Na província também o tremor foi sentido conforme algumas notícias que publicamos.

SEIA, 1.—Sentiu-se ontem às 10 horas da noite um tremor de terra com a duração de alguns segundos. Não causou prejuízos.

REGUENGOS, 1.—Ontem às 22 horas e vinte minutos sentiu-se um violento abalo de terra, causando pânico em muitas pessoas que saíram para a rua apavoradas, havendo alguns desmaios. Vários predios abriram fendas, dos quais caíram o reboco e o estuque. Não há aqui memória de um abalo de tão grande violência.—(H.).

AGREMIações VARIAS

Grupo de Solidariedade «Os 21 Manipuladores de Calçado».—Reúne hoje às 20 horas para apreciar o parecer da comissão revisora